



MULHER NEGRA: SEU CORPO COMO SÍMBOLO SEXUAL

Tamires Beatriz Ratis da Silva¹
tamiresratis4@hotmail.com

Resumo: Falar da mulher negra, bem como seu corpo, é elucidar marcas históricas que perpetuam ainda hoje no imaginário social, visto que estamos em uma sociedade estruturada pelo racismo, o corpo da mulher negra é marcado pela objetificação, na época escravocrata os escravos não eram donos de si, eram sujeitados aos seus senhores, enquanto mulher negra, sujeitada aos seus senhores há a objetificação do seu corpo, como por exemplo, o processo de miscigenação em que fica evidente o estupro sofrido por elas, ainda nesse processo histórico há a exposição das mulheres devido ao volume de seus seios, nádegas e quadris largos. O corpo pode ser definido como um signo, ou seja, dentro de um contexto social carrega um sentido, logo, visto o contexto histórico do corpo da mulher negra enquanto signo sendo posta apenas como objeto sexual elucidada o que podemos caracterizar como ferida narcísica, a fim de avaliar esse processo essa pesquisa foi realizada, bem como analisar quais marcas perpetuam até os dias de hoje, será uma pesquisa bibliográfica com dados qualitativos.

Palavras-chave: Objetificação; Mulher negra; Racismo; Símbolo sexual.

Abstract: Talk about the black woman, as well as her body, it is elucidate the historical marks that still perpetuate today in the social imaginary, since we are in a society structured by racism, the black woman's body is marked by the objetification, in the slavery era the slaves were not owners of themselves, they were subjected to their owners, while the black woman was subjected to their owners to the objetification of her body, for example, the process of miscigenation in which the rape suffered by them is something evident, still in this historical process there is the exposition of the woman due to the volume of their breasts, buttocks and wide hips. The body can be defined as a sign, that is, within a social context it carries a meaning, therefore, given the historical context of the black woman's body as a sign being placed only as a sexual object it elucidates what we can characterize as a narcissistic wound. In order to evaluate this process this research was realized, as well to analyze which marks perpetuate until our days, it will be a bibliographic research with qualitative data.

Keywords: Objetification; Black woman; Racism; Sex symbol.

¹ Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Estácio do Recife



1 INTRODUÇÃO

Segundo Koltai (2000) o sintoma pode ser caracterizado por algo histórico, localizado e específico, que acompanha as transformações dos outros tanto no plano pessoal quanto no coletivo, podendo ser social caso entenda-o como uma maneira singular que o indivíduo enfrenta o discurso do seu tempo, visto isso, o racismo pode ser entendido como um sintoma social, o que fica evidenciado pelo racismo estrutural, que segundo Almeida (2018) é uma forma sistêmica de discriminação tendo deste modo a raça como fundamento se manifestando por práticas conscientes ou inconscientes resultando em desvantagem ou privilégios.

O corpo da mulher negra é marcado historicamente, dentro do contexto da escravidão, segundo postula na matéria do Jornal cada minuto (2018) os donos das escravas exigiam que elas comessem a gerar filhos a partir dos 13 anos de idade a fim de diminuir a mortalidade dos escravos, era esperado que aos 20 anos elas já tivessem em média quatro a cinco filhos, bem como era prometido à liberdade para aquelas que gerassem vinte filhos.

Outro marcador histórico que evidencia a sustentação do imaginário social do corpo da mulher negra é a exposição de Sarah, conhecida como Saartjie, vênus negra, Citeli (2001) elucida que a Sartjie era colocada em jaula, pois afirmavam que a mesma era perigosa, assim como sua sexualidade, em sua exposição fica evidente que o foco era em suas nádegas, em que os homens chegavam até mesmo apertar, nesse sentido ao fazer um comparativo aos dias atuais, principalmente no Brasil, o “culto” a algumas partes do corpo ainda permanece.

Segundo Laqueur (2001) as mulheres negras eram consideradas receptivas sexualmente, devido à estrutura da sua genitália, bem como seu sistema nervoso grosseiro e as membranas mucosas secas resultavam em uma necessidade de sensibilidade genital. Rodrigues (1983) traz o sentido da utilidade do corpo como um sistema de expressão sem limites o que denota o corpo, especialmente da mulher negra, como um signo marcado socialmente e historicamente, sendo elucidado como um sintoma social da objetificação do corpo da mulher negra que foi sustentado por muito tempo por meio desses discursos científico.

Visto o contexto histórico em que as mulheres negras foram expostas, ainda hoje há marcas dessa ancestralidade, como fica evidente por alguns dados no Brasil, em que crianças pretas são as maiores vítimas de estupro de vulnerável, segundo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019), 50,9% são crianças pretas do sexo feminino, dados que correlacionado ao fator histórico elucidado como o corpo negro fora visto e ainda é visto, devido a essa demarcação histórica que perpetua até os dias de hoje essa pesquisa foi construída.

2 MÉTODO

Utilizamos como metodologia de pesquisa, a análise bibliográfica, de acordo com Fonseca (2002) tal pesquisa é feita a partir de levantamento de referências teóricas que já foram analisadas, como: livros, artigos científicos, bem como páginas de web sites entre outros.



~~Abordagem qualitativa, que segundo Minayo (1993) responde a questões particulares, em que não se preocupa em quantificar, logo, ela trabalha com os significados, os motivos, crenças, valores e as atitudes, partindo da realidade social.~~

Os dados coletados foram de extrema relevância para concretização da pesquisa, Chizzotti (2006) elucida que o fundamento da abordagem qualitativa é a relação entre o sujeito e o mundo real, visto isso, a partir dos dados coletados foi possível ratificar a relevância desta pesquisa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A hipersexualização do corpo negro aceitável

Bessette (2006) elucida que a hipersexualização pode ser definida como o uso de estratégias excessivamente centrada no corpo com a finalidade de seduzir, o que fica explícito umas das formas de como o corpo das mulheres negras eram utilizados, enquanto escravas eram constantemente estupradas, inclusive, pelo processo de miscigenação, Sueli Carneiro, em *Enegrecendo o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero* (2011) explicita que essa violência sexual colonial é o “cimento” de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades, Giacomini (1988) elucida que a mulher negra era vista como um produto, o que fica evidenciado na história, visto que havia compra de escravas, ainda segundo Giacomini (1988), além do seu trabalho físico ser apropriado, seu corpo também, servindo como objeto sexual, ou seja, a mulher negra não era vista como sujeito dotado de afeto, mas sim, como objeto sexual.

Segundo Gilman (1994) as mulheres negras foram marcadas no século XIX devido a sua cor de pele e a forma de sua genitália, segundo ele, as mulheres negras tinham o apetite sexual primitivo, contudo, embora essa afirmação seja do século XIX ainda perpetua no Século XXI em que há no imaginário social que as mulheres negras são tidas como, em uma linguagem pejorativa, “fogosas”, ou seja, com mais disposição sexual.

Quando se fala na hipersexualização do corpo negro aceitável, evidencia um recorte específico da negritude, que pode ser caracterizado como de forma errônea, por ser pejorativa, as mulheres consideradas “mulatas”, que segundo Corrêa (1996) a define dizendo que é puro corpo, ou sexo, não ‘engendrado’ socialmente, de acordo com a visão nos discursos médicos, literários e carnavalescos. Vale ressaltar que os mulatos eram os descendentes do intercuro sexual entre pessoas negras e brancas e que na atualidade seriam as pretas não retinta, Corrêa (2009) pontua que a mulata também revela que essa encarnação esconde: a rejeição à negra preta.

3.2 Entre o amor e o fetiche

O “fetiche” é definido como objeto que se cultua por se atribuir valor mágico e/ou sobrenatural, bem como qualquer objeto ou parte do corpo que pode ser erotizado para satisfazer os desejos de alguém (FETICHE, 2020), logo, ao analisar a história da mulher negra, observa-se o que na época escravocrata era tido como conduta possível, o da violação do corpo da mulher negra, por ser sujeitada ao seu senhor, hoje, ganha conotações semelhantes.



O que podemos pontuar como o racismo velado, especificamente, neste caso, quando a mulher negra é colocada como fetiche, elucidando a herança escravocrata que ainda perpetua no imaginário social, colocando a mulher negra apenas como objeto sexual, ou seja, tratando-a apenas como um fetiche.

Pacheco (2013) aclara que a mulher negra bem como a mulher mestiça estaria fora do que ele denomina de “mercado afetivo”, contudo, estaria naturalizada no “mercado do sexo”. Hooks (1995) postula que o amor é intenção e uma ação, ou seja, sentimentos e ações juntos, Hooks (1995) ainda afirma que as dificuldades coletivas das pessoas pretas com a arte e o ato de amar, deram-se a partir do contexto da escravidão, evidenciando que na condição de escravas haveria uma dificuldade em vivenciar ou permanecer em uma relação de amor.

Nesses percalços históricos o corpo da mulher negra torna-se, ainda nos dias de hoje, no imaginário social, o símbolo sexual, nesse contexto, há o conflito entre ser desejada e ser apenas desejada, com a herança escravocrata, colocando o corpo da mulher negra, apenas como fetiche, incapaz de ser amado, visto isso, vale ressaltar o que Hooks (1995) pontua elucidando a importância das mulheres negras aprender a responder às necessidades emocionais, bem como conhecer o amor, para que seja entendido que o corpo da mulher negra também é digno de ser amado e não apenas desejado.

4 CONCLUSÕES

Ao retorna às questões fundamentais desta pesquisa, fica explícito através das discussões que foram elucidadas, a herança do colonialismo, ou seja, enquanto pessoa dotada de subjetividade, marcas de suas ancestralidades se presentificam durante toda a vida, logo, ao observar a ancestralidade, ou seja, a história que antecede a vida das mulheres negras, há marcas que perpetuam, principalmente no imaginário social, como foi explicitado, o corpo da mulher negra como símbolo sexual, esta pesquisa não pretendeu negar a mulher negra sua sexualidade, tampouco reprimi-la, contudo, fora necessário fazer a reflexão de como esse corpo foi tratado durante a época escravocrata perante a sociedade e quais marcas concernente a isso.

Quando a sociedade nega a essa mulher seus afetos, colocando-a como objeto, tratando seu corpo como não digno de amor, mas apenas digno de ser objeto de lascívia, nos faz pensar como é doloroso o processo de ressignificação que a mulher negra necessita fazer, principalmente os percalços de adentrar em suas próprias emoções que foram marcadas por uma sociedade escravocrata e que ainda que a escravidão tenha sido abolida, seu corpo ainda carrega marcas, que se sustenta no imaginário social, através do racismo estrutural.

Assim, Hooks (1995), pontua, que quando as mulheres negras experimentarem a força que ela caracteriza como transformadora, a do amor, as mulheres negras assumirão atitudes capazes de alterar as estruturas sociais que ainda existem, contudo, chegando ao fim desta pesquisa elucidamos a reflexão de como a sociedade pode interferir no ato de amor das mulheres negras? Poderemos enquanto sujeito individual e coletivo contribuir para ressignificar o corpo da mulher negra, retirando-a da posição de apenas objeto? Tais perguntas foram elucidadas a partir do percalço da pesquisa, mas para além de reflexões, são questionamentos para pesquisas futuras.

5 REFERÊNCIAS



ALMEIDA, H. B. *et al.* **Gênero em matizes**. Bragança Paulista: EDUsF, 2002. p. 153-176.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf>. Acesso em: 08 out. 2018.

CITELI, M. T. As Desmedidas da Vênus Negra. Gênero e Raça na História da Ciência. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 61, 2001.

CÔRREA, M. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu**, v. 6/7, p. 35-50, 1996.

CORRÊA, M. **Sobre a invenção da mulata**. In.: PISCITELLI, Adriana et al (Org). Olhares feministas. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009. p. 239-248.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

FETICHE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fetichismo/>. Acesso em: 27/07/2020.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIACOMINI, S. M. **Profissão mulata: natureza e aprendizagem num Curso de Formação**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional/ UFRJ, 1992.

GILMAN, S. L. **The Hottentot and the Prostitute: Toward an Iconography of Female Sexuality. Difference and Pathology. Stereotypes of Sexuality, Race and Madness**. 2 Ed. Ithaca and London: Cornell University Press. 1994.

HOOKS, B. Vivendo de amor. 1995. Disponível em: <<http://www.olibat.com.br/documentos/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf>>. Acesso em: 15 Jan. 2020.

LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo. Corpo e Gênero dos Gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25 Ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

PACHECO, A. C. L. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013. 382 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16794/1/mulher-negra-RI.pdf>> Acesso em: 28 de Jan. 2020.



POWER, T. J. Evaluating attention deficit hyperactivity disorder using multiple informants; the incremental utility of combining teacher with parents reports. **Psychological Assessment**, v. 10, n. 3, p. 250-260, 1998.

RICHARD-BESSETTE, S. **Léxique sur les différences sexuelles, le féminisme et la sexualité**, chargée de cours-département de psychologie et sexologie, UQAM, 2006.